

**DA CONDIÇÃO INDIVIDUAL À SOCIAL:
Uma síntese sobre o mecanismo psíquico do esquecimento em Sigmund Freud e Paul
Ricoeur**

Alexsandra de França¹
Fernanda Lúcia Pereira Costa²
Renato dos Santos Fernandes³
Wescley de Lira Mota⁴
Denise Machado Duran Gutierrez⁵

RESUMO

O artigo aborda o esquecimento e suas implicações na construção da subjetividade nos seus aspectos individuais, mas também na condição social e histórica do humano. A ideia central do trabalho fundamentou-se nos conteúdos referentes ao Pensamento Social na Amazônia e teve como principal obra de referência: “A Memória, a história, o esquecimento” de Paul Ricoeur, na qual o autor aborda a questão da memória coletiva como algo de interesse particular para a história. A parte III dessa obra serviu de base para a reflexão aqui apresentada nesse ensaio. Esse conteúdo foi posto em diálogo com a leitura freudiana do lugar do esquecimento na vida psíquica do sujeito e suas implicações na construção de sua condição histórica. O estudo busca evidenciar a relevância que o contexto e os aspectos históricos têm na dinâmica psíquica dos sujeitos e o quanto os investimentos de energia psíquica são compartilhados de forma coletiva, levando à defesa de que a subjetividade, constituída tanto no sujeito individual como nos diferentes espaços sociais, pode ser concebida como subjetividade social ou intersubjetividade.

Palavras-Chave: Esquecimento, Subjetividade, Intersubjetividade.

ABSTRACT

The article addresses forgetting and its implications in the construction of subjectivity in its individual aspects, but also in the social and historical condition of the human being. The central idea of the work was based on the contents related to Social Thinking in the Amazon and had as its main reference work: “Memory, history, oblivion” by Paul Ricoeur, in which the author discusses the topic of collective memory as something from particular interest to the story. Part III of this work served as the basis for the reflection presented here in this essay. This content was put into dialogue with the Freudian reading of the place of forgetting in the subject's psychic life and its implications in the construction of his historical condition. The study seeks to highlight the relevance that the context and historical aspects have in the psychic dynamics of the subjects and how the investments of psychic energy are shared collectively, leading to the defense that subjectivity, constituted both in the individual subject and in different spaces social, can be conceived as social subjectivity or intersubjectivity.

¹ Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Santa Maria – Cajazeiras/PB.

² Docente e Coordenadora de Extensão e Pesquisa do Centro Universitário Santa Maria – Cajazeiras-PB; Mestre Sociedade e Cultura da Amazônia, Psicóloga e Especialista em Psicologia Clínica, Especialista em Docência do Ensino Superior.

³ Discente do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Santa Maria – Cajazeiras/PB.

⁴ Discente do Curso de Bacharelado em Direito da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Sousa/PB.

⁵ Docente da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – Manaus/AM.

Keywords: Forgetfulness, Subjectivity, Intersubjectivity

INTRODUÇÃO

O presente artigo é produto derivado da disciplina “*Formação do Pensamento Social na Amazônia*”, do programa de pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. As ideias aqui destacadas tratam sobre o esquecimento e, conseqüentemente, a memória e implicações na construção da subjetividade nos seus aspectos individuais, na condição social e da história.

A idéia central do trabalho baseia-se na leitura da obra “*A Memória, a história, o esquecimento*” de Paul Ricoeur (2007), na qual o autor trata da memória coletiva como algo de interesse particular para a história.

Ao discorrer sobre a temática, de forma não linear e explicitando a necessidade de uma fenomenologia da memória, Ricoeur apresenta a memória não só como um receptáculo neural de dados registrados ao logo da história de vida dos sujeitos, mas como um sistema complexo de formação de representações e simbologias, elementos compartilhados e que se constituem numa verdadeira memória coletiva.

Considerando várias obras, dentre elas a leitura freudiana sobre o esquecimento e a dinâmica psíquica dos sujeitos, fazendo menção ao artigo de Freud escrito em 1914 “*Recordar, Repetir e Elaborar*”, Ricoeur nos coloca diante da vulnerabilidade da memória em função do esquecimento, sendo o esquecimento apresentado em seus aspectos negativos e positivos.

Aqui tomamos a parte III da obra de Ricoeur como referência para a discussão sobre o lugar do esquecimento na vida psíquica do sujeito e suas implicações na construção da condição histórica, ou seja, fazer uma leitura da dinâmica intrapsíquica, objeto puramente psicológico, com base em escritos de Freud, e sua indissociabilidade com os aspectos sócio-históricos.

Para tanto foi preciso cautela para não descrever a vida social e individual numa perspectiva puramente patológica. Por outro lado, não se pode ignorar que sintomas podem surgir como necessidade de fuga de uma realidade não desejada e conflituosa. Dessa forma o esquecimento se apresenta na obra freudiana, assim como em Ricoeur, em seus aspectos

positivos e negativos. Positivos por permitir a proteção e fuga de uma realidade não satisfatória, e negativo por impedir a memória de seu exercício pleno.

Com a intenção explícita de valorizar os pressupostos defendidos pela psicanálise, sem negar outras importantes teorias para a discussão da condição de existência humana, apresentamos brevemente aqui algumas contribuições que a psicanálise pode dar ao resgate da memória e a ressignificação consciente da vida psíquica individual em suas relações e implicações para a história.

O Esquecimento na Obra Freudiana: Da Condição Individual à Condição Social

Para tratar da temática proposta é pertinente recorrermos aos aspectos históricos da psicanálise. A primeira fase da psicanálise – a da catarse de Breuer - consistiu em focalizar diretamente o momento em que o sintoma se formava e em esforçar-se, persistentemente, por reproduzir os processos mentais envolvidos na situação, a fim de dirigir-lhes a descarga ao longo do caminho da atividade consciente. Recordar e ab-reagir, com auxílio do terapeuta, era o que, na época, se buscava.

Nesse período, durante os tratamentos hipnóticos, o processo de recordar assumia a seguinte forma: o paciente colocava-se de volta numa situação anterior, que parecia nunca confundir com a atual, e fornecia um quadro dos processos mentais a ele pertencentes. Na medida em que permaneciam normais, acrescentavam a isso o que podia surgir como resultado da transformação dos processos, que haviam sido inconscientes, em conscientes. Quando a hipnose foi abandonada, a tarefa transformou-se em descobrir, a partir das associações livres do paciente o que ele deixava de recordar.

Tendo como base o aspecto histórico da psicanálise ficam perceptíveis dois movimentos e duas formas de lidar com os conteúdos mnemônicos: o primeiro dá ênfase as funções orgânicas do sistema nervoso e o segundo dá ênfase à lembrança. No entanto, ambos valorizam a memória e o esquecimento.

Em “*O mecanismo psíquico do esquecimento*” (1898/1994), Freud começou a redigir sobre a psicopatologia da vida cotidiana, tema que serviu de título para outro escrito posterior. Na obra a defesa apresentada leva à compreensão de que os fenômenos que revelam a capacidade de esquecer, inclusive coisas aparentemente simples, são vivenciados por sujeitos, independente da sua cultura. No entanto, paradoxalmente, é possível compreender que, sendo

os fenômenos da memória e do esquecimento uma condição comum, esses podem ser lidos em suas condições coletivas.

O pressuposto apresentado é o de que o esquecimento é provocado por falhas de memória, decorrentes de diferentes fatores que não estão restritos aos aspectos cognitivos, dessa forma se presume que, num diálogo de trocas de informações históricas, elementos são distorcidos não por falta de conhecimento ou de informações, mas porque há uma impossibilidade, mesmo que momentânea, de lembrar. Essa impossibilidade é denominada 'ato falho'. O chamado ato falho ou lapso de memória é um mecanismo chave para o entendimento do esquecimento nas trocas intersubjetivas da vida cotidiana.

Para ilustrar a idéia apresentada, tomamos como exemplo o relato do próprio Freud (1898/1994), quando em conversa com um companheiro de viagem sobre a Itália e as pinturas, teve a oportunidade de recomendar enfaticamente que o senhor visitasse Orvieto “*para lá contemplar os afrescos do fim do mundo e do juízo final com que fora decorada uma das capelas da catedral por um grande artista*” (p.276), mas a lembrança do nome do artista não lhe veio à mente provocando-lhe angustia, e essa foi aliviada por um italiano culto que revelou o nome do artista: Signorelli.

A explicação para os mecanismos psíquicos do esquecimento levou Freud a diferenciar sua abordagem da abordagem puramente neurológica sobre memória e esquecimento. Freud esteve interessado em demonstrar que há conteúdos recalcados que trazem consigo elementos explicativos à significação do que deixou de ser lembrado.

Dessa forma o mecanismo do recalque é a mola propulsora do esquecimento. Pelo desejo de lembrar, os sujeitos são levados a desvendar os elementos que permitiram o recalque e a encontrar uma explicação plausível ao ato falho.

É necessário aqui fazer referência ao sentido próprio do recalque na psicanálise, pois esse conceito foi concebido de diferentes formas em diferentes momentos da teoria psicanalítica freudiana. Um primeiro sentido, segundo Laplanche e Pontalis (1998), o recalque é a operação pela qual o sujeito procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão⁶, sendo assim o

⁶ Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional: é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998).

recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão ameaçaria provocar desprazer relativo a outras exigências.

Outro sentido que Freud deu ao recalque foi uso do conceito de forma ampla, pois além de ser concebido como uma defesa foi tomado como uma etapa em numerosos processos defensivos complexos, servindo assim como protótipo para explicar outras operações defensivas.

Mas, independente das formas como o conceito foi usado na obra freudiana e, sem a pretensão de discorrermos sobre a teoria do recalque, nos cabe destacar a relação do recalque com o inconsciente e a importância das representações como elementos pertinentes aos propósitos do presente texto.

No que se refere às representações, segundo Laplanche e Pontalis (1998), essas se opõem ao afeto, pois cada um destes elementos tem destinos diferentes nos processos psíquicos. Sabe-se que Freud fala de representações inconscientes, sendo a representação considerada como aquilo que do objeto vem inscrever-se nos sistemas mnésicos.

Precisa-se salientar que Freud não tem uma concepção estritamente empírica da memória, ou seja, um receptáculo puro e simples de imagens, mas fala de sistemas mnésicos, multiplica a lembrança em diferentes séries associativas e, por fim, designa pelo nome de 'traço mnésico' muito mais um signo, sempre coordenado com outros e que não está ligado à esta ou aquela qualidade sensorial, mas à uma impressão fraca que mantém uma relação de semelhança com o objeto (LAPLANCHE e PONTALIS, 1998).

Ressaltando os significados de representações e memória destacados a partir das ideias de Freud nos permite fazer um adendo e referenciar Ricoeur (2007) para quem memória também vai além de um sistema para receber informações e fazer seus registros. Segundo Lauxen (2008), a afirmação de Aristóteles de que “*a memória é do passado*” permite enfrentar a aporia entre memória e imagem (*eikon*), vinculando a memória à temporalidade da condição humana.

A dificuldade de discorrer tomando como base um único conteúdo explicativo, faz com que a obra de Ricoeur (2007), mostre sua importância pelo estímulo que provoca à busca do entendimento da temporalidade da condição humana e, portanto, as limitações históricas.

Retomando o outro elemento destacado: a relação do recalque com o inconsciente na obra freudiana, é preciso esclarecer que para o entendimento do mecanismo psíquico do esquecimento se faz necessário salientar que o inconsciente foi descrito na obra em dois

momentos: num primeiro o termo inconsciente foi utilizado para designar um dos sistemas no quadro da teoria do aparelho psíquico, sendo constituído por conteúdos recalçados, recusados pelos sistemas pré-consciente e consciente.

Num segundo momento, identificado como a segunda tópica freudiana, o termo inconsciente é, de acordo com Laplanche e Pontalis (1998), usado, sobretudo, na sua forma adjetiva, sendo assim o inconsciente deixa de ser o que é próprio de uma instância especial e passa a ser entendido de forma dinâmica, qualificando o funcionamento do ego e do superego. No entanto, as características atribuídas ao sistema inconsciente na primeira tópica são de modo geral atribuídas ao *Id* na segunda, ou seja, os conteúdos do inconsciente não formados pelos elementos representativos e recalçados.

Tendo como base as colocações anteriores uma questão pode ser levantada: é possível entender o inconsciente como um depositário de lembranças que precisam ser esquecidas, mesmo que temporariamente, como defesa à vida psíquica e social dos sujeitos?

A questão nos leva a mencionar mais uma vez Ricoeur (2007), quando este reflete sobre o esquecimento profundo, definindo-o por apagamento de rastro e esquecimento de reserva. No que se refere ao esquecimento de rastro o autor propõe três espécies de rastro: 1. o *rastro escrito*, que se tornou no plano da operação historiográfica, rastro documental; 2. o *rastro psíquico*, que é preferencialmente chamado de impressão, no sentido de afecção, deixado em nós por um acontecimento marcante ou, como se diz, chocante e enfim; 3. o *rastro cerebral*, cortical, tratado pelas neurociências.

Para o mesmo autor a problemática do esquecimento profundo se decide na articulação entre duas espécies de rastros: rastro psíquico e rastro cortical. Com isso Ricoeur defende que uma existência inconsciente da lembrança deve, então, ser postulada, independentemente do sentido que se possa atribuir a essa inconsciência. É essa hipótese da preservação por si, constitutiva da própria duração da memória.

Ao destacar as ideias de Ricoeur para demonstrar a importância do inconsciente, somos levados também a uma outra articulação que nos mantém na tentativa de discorrer sobre o questionamento levantado, sendo assim, queremos destacar que a definição que o autor dá ao rastro psíquico aproxima-se das ideias freudianas sobre a formação da personalidade, isto é, a condição psíquica do sujeito se forma através de situações significativas, ou seja, nas palavras de Ricoeur “marcantes”. Para Freud essas situações podem ser tão marcantes que desencadeiam o trauma.

Portanto, o trauma, para Laplanche e Pontalis (1998), é um acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, pela incapacidade em que se encontra de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica. Considerando a leitura psicanalítica em seus termos econômicos o traumatismo caracteriza-se por um afluxo de excitações que é excessivo em relação à tolerância do sujeito e à sua capacidade de dominar e de elaborar psiquicamente estas excitações.

A definição de trauma aqui apresentada enfatiza a concepção de sujeito individual, sendo assim, um segundo questionamento começa a surgir: poderíamos falar de situações traumáticas vividas coletivamente? As neuroses de guerra discutidas por Freud em seu texto de 1919 é uma referência que nos permite demonstrar que sim.

Ao definir as neuroses de guerra Freud afirma que o ego humano se defende de um perigo que o ameaça de fora ou que está incorporado a uma forma assumida pelo próprio ego. Diferente de outros tipos de neuroses, como por exemplo as neuroses de transferências onde o que é temido pelo ego é um componente interno, as neuroses de guerra têm como fator traumatizante um aspecto externo e, nesse caso, partilhado de forma coletiva e abrangente, prova disso é que foi “*significativo o fato de que, quando as condições de guerra cessaram de operar, a maior parte das perturbações neuróticas provocadas pela guerra desapareceram simultaneamente*” (FREUD, 1919/1994, p. 259).

É importante destacar também as idéias do autor de que esses neuróticos sofriam de conflitos mentais e que os desejos e inclinações que se expressavam nos sintomas eram desconhecidos pelos próprios sujeitos, ou seja, eram inconscientes. Isso lhe permitiu inferir que a causa imediata de todas as neuroses de guerra era uma inclinação inconsciente no soldado, para afastar-se das exigências perigosas ou ultrajantes para os seus sentimentos, feitas sobre ele pelo serviço militar ativo.

Na discussão sobre a temática, apesar de tratar-se de um estudo voltado à psicopatologia, fica evidente a relevância que o contexto e os aspectos históricos têm na dinâmica psíquica dos sujeitos e o quanto os investimentos de energia psíquica são partilhados de forma coletiva, o que nos leva a enfatizar a hipótese de que a subjetividade, enquanto constituída tanto no sujeito individual como nos diferentes espaços sociais, pode ser concebida como subjetividade social. Sendo assim, se pode falar de *intersubjetividades*,

conceito que nos remete à consideração de que as nossas ações no mundo são dotadas de sentido a partir do momento que possam ser comunicadas e partilhadas com outros.

As idéias colocadas no parágrafo acima nos levam a destacar o aspecto de que a condição histórica está fortemente atrelada às trocas realizadas entre indivíduos, nesse sentido, não se pode desvalorizar os aspectos psicológicos imbricados na produção das idéias, narrativas, na produção e retratação dos fatos históricos.

No exposto acima fica evidente que Freud não conseguiu uma hipótese unificadora sobre a definição desse tipo de neurose (de guerra) o que lhe fez defini-las como neuroses traumáticas, as quais ocorrem também em tempos de paz após experiências assustadoras ou graves acidentes, sem qualquer referência a um conflito no ego.

Considerando o fato de que os traumas na vida social podem ocorrer em circunstâncias aparentemente cotidianas, ou seja, em “tempos de paz” nos convoca a tentativa de uma breve reflexão sobre as condições atuais da chamada crise econômica.

O cenário econômico do mundo globalizado tem como definição do mal-estar da pós-modernidade a palavra “*crise*”. Em linhas gerais podemos afirmar que a chamada crise tem traduzido a incapacidade dos Estados de administrar o tripé do bem-estar social: saúde, trabalho e educação, repercutindo assim na qualidade de vida da população, gerando, por outro lado, processos de exclusão pelas relações assimétricas e injustas de trabalho em prol da manutenção de um modelo capitalista que traduz-se na valorização e desvalorização de profissões, sendo às mais valorizadas atribuída maior remuneração financeira e, conseqüentemente, maior status social. As representações do trabalho e das profissões, por sua vez, têm tornado evidente um fator psicológico: a necessidade dos seres humanos de serem aceitos e reconhecidos, o que provoca uma guerra constante, mesmo em tempos de paz, pela boa colocação no mercado de trabalho.

Aqui nos questionamos: quais aspectos de uma memória coletiva serão lembrados ou esquecidos no que se refere aos aspectos sociais e políticos gerados e geradores do sistema capitalista e das relações estabelecidas pelas formas e organizações de trabalho? Questionamos-nos também sobre os fragmentos que não serão explicitados nas narrativas históricas futuras, como uma forma de proteger os egos dos sofrimentos provocados pelo atual momento histórico.

O levantamento de idéias colocadas até aqui teve a intenção de sintetizar pensamentos para que demonstrássemos a necessidade do esquecimento com uma defesa humana às

condições históricas traumáticas, mas também de pensarmos na importância do resgate da memória para reconciliação do sujeito consigo e com o mundo à sua volta.

O Resgatar dos Conteúdos Esquecidos: uma forma de ressignificação da subjetividade da condição histórica

Entendendo a técnica psicanalítica como uma das saídas para o mal-estar provocado pela incapacidade momentânea de não lembrar dos aspectos inscritos na vida psíquica, o que pode provocar condições psicopatológicas, será tratado nesse segundo tópico a questão da associação livre como alternativa ao resgate da memória e à superação de condições de esquecimento, favorecendo não só a vida individual, mas também a coletiva.

Buscando fugir da hipnose e não concordando com outras formas de tratamentos adotadas na época, Freud desenvolveu a técnica sistemática na qual o analista abandona a tentativa de colocar em foco um momento ou problema específico. Contenta-se em estudar tudo o que se ache presente, de momento, na superfície da mente do paciente, e emprega a arte da interpretação, principalmente para identificar as resistências que lá aparecem e torná-las conscientes ao paciente.

Disto resulta um novo tipo de divisão de trabalho: o médico revela as resistências que são desconhecidas ao paciente; quando estas tiverem sido vencidas, o paciente amiúde relaciona as situações e vinculações esquecidas. Com isso pode-se afirmar que os aspectos vividos por mais que tenham sido esquecidos não são inacessíveis. Esse pressuposto também se aplica ao conceito de inconsciente.

Dessa forma a técnica psicanalítica visa preencher lacunas na memória, ou seja, de forma dinâmica, superar as resistências devidas à repressão e a condição de temporalidade, no sentido de que resgata conteúdos do passado. Para Freud, em seu artigo “Recordar, Repetir e Elaborar (1914/1994), esquecer impressões, cenas ou experiências, quase sempre se reduz a interceptá-las. O esquecer torna-se ainda mais restrito quando avaliamos o verdadeiro valor das lembranças encobridoras, que tão geralmente se acham presentes.

O autor salienta que no processo de associação livre para o curso tomado pelos eventos psíquicos, parece não fazer nenhuma diferença se determinada vinculação de pensamento foi consciente e depois esquecida ou se nunca, de modo algum, conseguiu tronar-

se consciente. A convicção que o paciente alcança no decurso de suas associações é inteiramente independente deste tipo de lembrança.

Portanto, o importante não é saber quando um conteúdo foi esquecido, mas de recordá-lo. Por outro lado, é válido salientar que o não recordar pode fazer com que os sujeitos assumam ações repetitivas sem terem consciência dos motivos que os levam a essa dinâmica e da sua atuação no mundo.

O desejar recordar e elaborar cenas traumáticas permite aos sujeitos na sua condição de existência social ressignificar sua história e ter uma apreensão mais consciente do percurso das relações que se estabelecem. Sendo assim, podemos inferir que os pressupostos psicanalíticos de resgate dos conteúdos esquecidos podem se colocar como uma possibilidade de exercício do pensar sobre si, sobre os outros representados em si e, por fim, sobre os significados das relações historicamente construídas que são determinantes para a compreensão de movimentos em diferentes instâncias sociais.

O desafio de pensar nos pressupostos psicanalíticos como uma alternativa para divulgar a importância da memória na construção histórica da humanidade nos coloca dentro de outra temática que diz respeito “*a ética e a psicanálise*”, no entanto restringiremos nosso foco para não perder de vista o propósito maior desse trabalho. Entendemos que, sendo o processo de associação livre feito de forma não imediata, cabe aos profissionais, que se preocupam com a ressignificação dos sujeitos pela busca dos elementos inconscientes, não ceder ao imediatismo imposto pelo mundo capitalista e de consumo que configuram uma efetiva crise coletiva, mas também do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra de Paul Ricoeur o esquecimento foi apresentado como o desafio à condição da confiabilidade da memória, uma vez que, a confiabilidade da lembrança decorre do enigma, como o próprio autor considera, da dialética de presença e de ausência no âmago da representação do passado, no que se acrescenta o sentimento de distância própria à lembrança, diferentemente da ausência simples da imagem, quer esta sirva para descrever ou simular.

Na referida obra a problemática do esquecimento implica num ponto crítico da problemática de presença, de ausência e de distância, que em outro pólo se defende a memória feliz pelo reconhecimento atual da lembrança passada.

O movimento entre esquecer e lembrar constitui a vulnerabilidade e possibilidade da condição histórica, dessa forma o entendimento desse movimento implica na busca pelo entendimento da vida psíquica dos sujeitos, que sem negar as suas bases neurológicas, é preciso compreendê-lo como sujeito dotado de um inconsciente.

O sistema do inconsciente nos permite compreender o esquecido, porém isso não significa que o mesmo não possa ser lembrado. No entanto, se precisa entender quais os mecanismos pelos quais os sujeitos se utilizam para esquecer e o porquê de não desejar lembrar.

O trauma e o recalque foram tratados como processos importantes na tentativa dessa explicação. Para apresentar soluções à problemática da memória e do esquecimento se pode afirmar que os pressupostos psicanalíticos que levaram à técnica da associação livre podem permitir a visão positiva de que a lembrança pode ser resgata e os sujeitos ressignificados pela sua condição de consciência de si e dos aspectos históricos implicados na vida cotidiana.

Por fim, é preciso compreender que não existe uma memória individual que não se forme por condições históricas e vice-versa; e que o esquecimento se faz necessário para permitir a condição saudável dos sujeitos em tempos difíceis, o que não significa dizer desvalorizar a memória e a condição de lembrança.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **O Mecanismo Psíquico do Inconsciente (1898)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. **Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II) (1914)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. **Introdução à Psicanálise e as Neurose de Guerra (1919)**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. 3ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LAUXEN, Roberto. **Resenha - RICOEUR, P. 2007. A Memória, a história, o esquecimento**. Filosofia Unisinos, 9(3):281-283, Campinas, Unicamp, 536 p. set/dez 2008.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento.** Campinas-SP: Editora UNICAMP, 2007.